

## KARL SCHÄFER E FRIEDRICH SCHLEIERMACHER: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS SOBRE O TRADUZIR

*Tito Lívio Cruz Romão*

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (Breslau, 21.11.1768; Berlim, 12.02.1834) estudou Teologia Evangélica em Halle. Antes de se formar, foi preceptor, até o ano de 1793, na casa de uma família de boa estirpe na cidade de Schlobitten, Prússia Ocidental, e professor em um orfanato de Berlim, até terminar seus estudos superiores e ordenar-se. Em 1794, assumiu funções eclesiásticas em Landsberg/Warthe. Escreveu várias obras de cunho filosófico e teológico, além de ter-se consagrado como tradutor das obras platônicas. Tornou-se célebre o seu ensaio “Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens”<sup>1</sup> [Sobre os diferentes métodos de traduzir], apresentado em forma de conferência na Academia Real de Ciências em Berlim no dia 24 de junho de 1813 e publicado em suas obras completas em 1838 pelo editor G. Reimer.

No referido ensaio<sup>2</sup>, Friedrich Schleiermacher faz seus primeiros questionamentos sobre a necessidade que o

---

<sup>1</sup> Os excertos citados a partir de obras alemãs escritas em alemão serão mantidos na ortografia da edição original. Na versão em português, os nomes próprios serão escritos na versão original e apresentados, na tradução, na atual ortografia alemã (p.ex.: Voss / Voß).

<sup>2</sup> No tocante às informações aqui apresentadas sobre o ensaio de Friedrich Schleiermacher, o autor deste artigo toma por base, na

ser humano amiúde tem de comunicar algo apresentado por outrem num discurso. Nesta situação, alguém poderá servir de intermediador, sem todavia utilizar as mesmas palavras do enunciador, pois a estas imprimirá uma menor ou uma menor força, dependendo de como as percebe. Destaca ainda que isso também ocorre com os nossos próprios discursos, que, depois de certo tempo, precisam ser recontados, devendo ser “retraduzidos” dentro de uma língua ou dialeto. Schleiermacher aponta que tal fato costuma ocorrer nos mais diversos campos do conhecimento humano: ciências, comércio, diplomacia etc. Aborda igualmente a dificuldade maior que se nos apresenta, ao termos de traduzir ideias de uma língua estrangeira para a nossa respectiva língua vernacular. Neste campo, distingue duas tarefas básicas: a do intérprete, que atua no campo dos negócios, e a do “verdadeiro tradutor”, que atua basicamente no campo da ciência e da arte. Revela que “traduzir produções científicas e artísticas de boca a boca”, sem a forma escrita, como pode ocorrer no campo dos negócios com intérpretes, seria desnecessário e até parece impossível. Chega a ressaltar a importância da escrita para os negócios, embora afirme que a oralidade é própria do *métier* dos negócios. Na sua distinção entre o trabalho do intérprete e o do tradutor, a qual deve ser entendida à luz da sua época, também indica que a tarefa de quem traduz relatos de jornais ou de viagens muito mais se inseriria no campo de trabalho de um intérprete. Em contrapartida, reconhece a importância e a gravidade de temas discutidos em negociações jurídicas, que, por seu cunho científico, demandam a atuação de um tradutor. Schleiermacher aborda, ainda, a problemática das línguas que não têm, entre si, um forte grau de parentesco e que, por

---

maioria das vezes, a antologia bilíngue *Clássicos da Tradução*, Vol. 1, Alemão-Português, organizada por HEIDERMANN (2001), em que o referido ensaio foi traduzido por Margarete vonMühlenPoll.

isso, não contam sequer com relações morfológicas e gramaticais coincidentes, e ainda menos no que tange à semântica e ao léxico. Tal situação agrava-se, afirmava o ensaísta, quando o tradutor vê-se diante de produções nos campos das artes e das ciências, onde domina, sobremaneira, o pensamento. Além disso, na tradução de textos literários e científicos, não se tem, em geral, a ajuda de um intérprete *in loco*. Para Schleiermacher, é relevante e decisivo ser dominado pela língua que se fala, já que se é, pois, um produto desta. Corroborando sua ideia, diz:

Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela.  
(SCHLEIERMACHER, 2001, p. 37)<sup>3</sup>

Não esquece, todavia, de ressaltar que toda pessoa pensa de forma intelectualmente livre e também acaba formando, reformando e transformando a língua por meio de suas idiossincrasias. Dentro dessa linha de raciocínio, admite que “todo discurso livre e mais elevado” será marcado por dois fatores: a) pelo espírito da língua de cujos elementos o discurso é formado; e b) pela alma do enunciatador. Sem um entendimento dessa interação, o discurso não seria, portanto, compreendido.

Após reconhecer o grau de dificuldade de comunicação nessa esfera do discurso dentro de uma mesma língua,

---

<sup>3</sup> Er kann nichts mit völliger Bestimmtheit denken, was außerhalb der Grenzen derselben läge; die Gestalt seiner Begriffe, die Art und die Grenzen ihrer Verknüpfbarkeit ist ihm vorgezeichnet durch die Sprache, in der er geboren und erzogen ist, Verstand und Fantasie sind durch sie gebunden.

Schleiermacher volta-se para a problemática do discurso a ser intermediado entre duas línguas distintas. Ressalta com veemência a necessidade de os leitores, para entenderem o autor lido, captarem o modo particular de pensar e sentir de cada autor. Diante da tarefa de mediação entre autor e leitor com experiências distintas, Schleiermacher esclarece que, antes de se falar em tradução, é preciso registrar que há duas outras formas de mediação, de comunicação, por assim dizer, entre dois mundos linguísticos distintos. Por um lado, haveria a paráfrase e, por outro, a imitação. Schleiermacher esclarece o papel da paráfrase desta forma:

O parafrazeador lida com os elementos de ambas as línguas como se fossem sinais matemáticos que se deixam levar aos mesmos valores por adição e subtração, e nem o espírito da língua traduzida, nem o da língua original conseguem aparecer nesse procedimento. (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 41)<sup>4</sup>.

A imitação, por sua vez, é o ato de quem, por não poder ou não querer dominar a “irracionalidade das línguas”, não veria outra solução a não ser apresentar “um todo composto de elementos visivelmente diferentes dos do original, que, contudo, aproximasse o seu efeito daquele, tanto quanto as diferenças de material ainda lhe permitissem” (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 41).

Por fim, Schleiermacher apresenta quem seria o *verdadeiro* tradutor, aquele profissional “que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor, e conduzir o último a uma compre-

---

<sup>4</sup> Der Paraphrast verfährt mit den Elementen beider Sprachen, als ob sie mathematische Zeichen wären, die sich durch Vermehrung und Verminderung auf gleichen Werth zurückführen ließen, und weder der verwandelten Sprache noch der Ursprache Geist kann in diesem verfahren erscheinen.

ensão e uma apreciação tão correta e completa quanto possível e proporcionar-lhe a mesma apreciação que a do primeiro, sem tirá-lo de sua língua materna” (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 43). Abrindo suas explicações, logo aponta “os dois únicos caminhos” a serem percorridos por esse profissional: ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa em paz o leitor e leva o autor até ele. Essas duas vias, segundo o ensaísta, implicariam, naturalmente, metodologias distintas, a saber:

No primeiro caso, a saber, o tradutor está empenhado em substituir, através de seu trabalho, a compreensão da sua língua de origem, que falta ao leitor. Ele tenta transmitir aos leitores a mesma imagem, a mesma impressão que ele próprio teve através do conhecimento da língua de origem da obra, de como ela é, e tenta, pois, levá-los à posição dela, na verdade estranha para eles. Mas se, por exemplo, a tradução quer deixar seu autor romano discursar como ele teria discursado e escrito em alemão para alemães, então ela não leva o autor apenas até a posição do tradutor, pois também para este o autor não discursa em alemão, mas em romano, muito mais ela o empurra diretamente para dentro do mundo dos leitores alemães e o torna igual a eles, e este é o outro caso. (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 43s.)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Im ersten Falle nämlich ist der Uebersetzer bemüht, durch seine Arbeit dem Leser das Verstehen der Ursprache, das ihm fehlt, zu ersezen. Das nämliche Bild, den nämlichen Eindruck, welchen er selbst durch die Kenntniß der Ursprache von dem Werke, wie es ist, gewonnen, sucht er den Lesern mitzuthemen, und sie also an seine ihnen eigentlich fremde Stelle hinzubewegen. Wenn aber die Uebersetzung ihren römischen Autor zum Beispiel reden lassen will wie er als Deutscher zu Deutschen würde geredet und geschrieben haben: so bewegt sie den Autor nicht etwa nur eben so bis an die Stelle des Uebersetzers, denn auch dem redet er nicht

Segundo Schleiermacher, no primeiro caso haveria uma tradução que, a seu modo, atingiria o grau da perfeição, imaginando-se que, na situação descrita por ele, em que o tradutor alemão assumisse a função do escritor, seria como se, na verdade, o próprio autor romano soubesse alemão como o tradutor sabia romano e naquela língua houvesse escrito. No outro caso, mostrar-se-ia o autor como ele teria escrito originalmente em alemão, mas como alemão. Diante desse dilema, lembra ainda a existência de um terceiro método:

Ambos os partidos separados (*sic*)<sup>6</sup> precisam ou se encontrar em algum ponto intermediário, e esse sempre será o tradutor, ou um tem de se dispor completamente ao outro, e aqui somente aquela forma entra no campo da tradução; a outra entraria se, no nosso caso, os leitores alemães tivessem domínio total da língua romana ou, antes ainda, se esta se apoderasse completamente deles e até a transformação.

(SCHLEIERMACHER, 2001, p. 45)<sup>7</sup>

---

deutsch, sondern römisch, vielmehr rückt sie ihn unmittelbar in die Welt der deutschen Leser hinein, und verwandelt ihn in ihres gleichen; und dies eben ist der andere Fall.

<sup>6</sup> O autor deste artigo optaria por “ambas as partes”.

<sup>7</sup> Die beiden getrennten Partheien müssen entweder an einem mittleren Punkt zusammentreffen, und das wird immer der des Uebersetzens sein, oder die eine muß sich ganz zur andern verfügen, und hiervon fällt nur die eine Art in das Gebiet der Uebersetzung, die andere würde eintreten, wenn in unserm Fall die deutschen Leser sich ganz der römischen Sprache, oder vielmehr diese sich ihrer ganz und bis zur Umwandlung bemächtigte.

## Karl Schäfer e seu ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens*

Johann Albrecht Karl Schäfer nasceu em Ansbach, uma pequena cidade do atual Estado alemão da Baviera, em 22 de maio de 1800<sup>8</sup> e faleceu no dia 30 de setembro de 1862. Assim como muitos outros eruditos alemães de sua época, Karl Schäfer ressaltava as bases que os autores clássicos greco-romanos emprestaram à cultura alemã. Em seu ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* [Sobre a tarefa de traduzir]<sup>9</sup>, Schäfer critica de forma direta o modelo de tradução proposto por Friedrich Schleiermacher, tomando como ponto de partida, além do próprio Schleiermacher, o tradutor Johann

---

<sup>8</sup> A primeira notícia que o autor deste artigo teve sobre Karl Schäfer e seu ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* foi em através do livro *Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800. Transformationen der Antike* (KITZBICHLER; LUBITZ; MINDT, 2009). Entretanto, as organizadoras do livro afirmam, numa nota de rodapé, que não havia sido possível encontrar as datas de nascimento e morte de Karl Schäfer. Além disso, agradecem as gentis informações que lhes foram repassadas pelo administrador do Arquivo Fridericianum de Erlangen. Durante sua pesquisa de doutorado, o autor deste artigo teve acesso a um necrológio de Karl Schäfer, com farta biografia, publicado no *Jahresbericht von der Königlichen Anstalt zu Erlangen (Relatório Anual do Liceu Real de Erlangen)* em 7 de agosto de 1863 (SOERGEL, 1863), ou seja, quase um ano após a morte de Schäfer. Obteve também um necrológio publicado no ano de 1864, nos *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik (Novos Anuários de Filologia e Pedagogia)*, editados por Hermann Masius (MASIUS, 1864) em Leipzig, além de uma resenha sobre o ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens*, publicado nos *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik* (JAHN, J. C.; KLOTZ, R; SEEBODE, G., 1841).

<sup>9</sup> O ensaio, publicado em 1839, foi traduzido para o português pelo autor deste artigo, mas a tradução ainda não foi publicada.

Heinrich Voß. Schäfer defendia uma posição claramente oposta ao método de tradução de Schleiermacher. A seguir, algumas citações extraídas do ensaio de Schäfer permitirão que se vislumbre uma nesga de suas ideias:

“Como deve fazer o tradutor”, pergunta ele [Schleiermacher], “para transplantar também em seus leitores justamente essa sensação de estar perante conteúdos estrangeiros?” “A exigência indispensável do traduzir”, responde ele, “é uma postura da língua que não apenas não é cotidiana, mas que também sempre deixa presentir que ela não se desenvolveu tão inteiramente livre, que ela, muito mais, *curvou-se em direção a uma semelhança estrangeira.*” Portanto, em resumo, uma tradução não deveria ser *totalmente alemã*, mas apenas *meioalemã*, e o próprio tradutor somente deveria ter conduzido o leitor a uma *meia* compreensão do autor, deveria estar no meio entre o iniciante e o mestre, ou seja, ser um engabelador; e a tradução, no final das contas, não deveria valer sequer como um fim em si mesmo, mas tão-somente servir como um recurso auxiliar para compreender o autor e assumir o lugar de um comentário permanente.<sup>10</sup> (SCHÄFER, 1838, p.6s.)

---

<sup>10</sup> Wie soll, fragt er, der Uebersetzer es machen, um eben dieses Gefühl, dass sie Ausländisches vor sich haben, auch auf seine Leser fortzupflanzen? Das unerlässliche Erforderniss des Uebersetzens, antwortet er, ist eine Haltung der Sprache, die nicht nur nicht alltäglich ist, sondern die auch stets ahnen lässt, dass sie nicht ganz frei gewachsen, *vielmehr zu einer fremden Aehnlichkeit hinübergelugt ist.*” Also, um es kurz zu sagen, eine Uebersetzung soll nicht *ganz*, sondern nur *halb deutsch* sein, und der Uebersetzer selbst soll es nur zu einem halben Verstehen des Autors gebracht haben, soll zwischen Anfänger und Meister in der Mitte stehen, das heisst ein Stümper sein, und die Uebersetzung soll endlich nicht einmal als Zweck für sich gelten, sondern nur als

Karl Schäfer era, pois, partidário da ideia de que uma tradução deveria ser, antes de tudo, *deutsch* [alemã] e atender aos critérios de uma formulação naturalmente vernacular, evitando deste modo as influências estrangeiras de ordem semântica, lexical, idiomática etc. Em oposição aos termos *deutsch/Deutsch*, faz uso, em seu texto, de termos diametralmente opostos a este, para definir aquilo que, em tradução, feriria o vernáculo alemão idealizado por ele: o substantivo *Undeutschheit* [caráter não-alemão da língua], o substantivo *Undeutsch* [o não-alemão], o adjetivo *undeutsch* [não-alemão] e o advérbio *undeutsch* [de forma não alemã]. Para Schäfer, a língua alemã dispunha e podia fazer emprego de meios suficientes – de natureza semântica, lexical, estilística, gramatical etc. –, sem necessitar, nas palavras de Schleiermacher, “curvar-se a uma estranha semelhança”<sup>11</sup> (SCHLEIERMACHER, 2011, p. 37). As críticas tecidas por Schäfer dirigiam-se igualmente ao tradutor Voß, uma vez que este, a título de exemplo, transportava para a língua alemã uma métrica grega, recorrendo a uma espécie de leito de Procusto<sup>12</sup>: por um lado, o afamado tradutor das obras

---

Aushilfsmittel zum Verstehen des Autors dienen, und die Stelle eines fortlaufenden Kommentars vertreten.

<sup>11</sup> Cita-se aqui a tradução de Mauri Furlan (SCHLEIERMACHER, 2011).

<sup>12</sup> Sobre o mito do leito de Procusto, conta GRAVES (2008, p. 389s.): “Quando chegou a Coridaló, na Ática, Teseu matou Polipômeno, pai de Sínis, apelidado de Procusto, que vivia às margens da estrada e tinha duas camas em casa, uma pequena e outra grande. Ao hospedar os viajantes que por ali passavam, ele colocava os homens baixos na cama grande e os torturava estirando-os até que se ajustassem ao tamanho do leito; e os homens altos ele colocava na cama pequena, cortando-lhes a parte das pernas que não coubesse na cama. Há quem afirme que ele tinha uma só cama, portanto estirava ou amputava seus hóspedes para que nela se encaixassem. De qualquer modo, Teseu fê-lo sentir na pele o sofrimento infligido

homéricas<sup>13</sup> para o alemão recorria a construções e a palavras gregas que resolvia adotar no léxico alemão e, por outro, utilizava vocabulário alemão equivalente aos termos gregos, forjando-os, contudo, dentro de uma matriz de versos gregos em grande parte não aplicáveis à língua alemã, dadas as diferentes estruturas de versificação existentes em ambas as línguas. Em seu empenho de querer salvaguardar o idioma alemão, uma língua que, àquela época, ainda não se encontrava totalmente consolidada, Karl Schäfer agudiza suas reprimendas a Schleiermacher e a Voß:

Como já foi observado anteriormente, *Voß*, desde longa data, já exercitava na prática o que *Schleiermacher* executava de forma sistemática, embora aquele fique para trás em relação às exigências deste, pois lhe falta o insinuar, o entrar nos mais diferentes

---

aos outros.” De uma forma ou de outra, a figura pode ser aqui empregada para mostrar o grande desagrado sentido por Karl Schäfer ao ver que a língua alemã precisava ser moldada a partir de outras línguas, perdendo parte de sua natureza original.

<sup>13</sup> Ainda no presente, as traduções feitas por Johann Heinrich Voß são publicadas na Alemanha. Na orelha da edição da *Ilíada* [Ilias] (HOMER, 2010), publicada pela editora Anaconda, pode-se ler, dentre outras informações, esta: “Singeden Zorn, o Göttin, des Peleiden Achilleus”, solautet die erste Zeile des Epos in der berühmten Hexameter-Übersetzung von Johann Heinrich Voß” [“Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles a ira tenaz” (trad. de Odorico Mendes, 1874), esta é a primeira linha da epopeia na célebre tradução de Johann Heinrich Voß em hexâmetros]. Também em 2010, a mesma editora Anaconda republicou a *Odisseia* de Homero. Na página reservada aos créditos, lê-se: “Die Übersetzung von Johann Heinrich Voß erschien unter dem Titel *Homers Odyssee* erstmals 1781 auf Kosten des Verfassers im Selbstverlag in Hamburg” [A tradução de Johann Heinrich Voß foi publicada sob o título de *Odisseia de Homero*, pela primeira vez em 1871, às expensas do autor da tradução em edição de sua própria responsabilidade].

elementos, em suma, aquele caráter proteiforme que *Schleiermacher* exige. Mas aquele greciza e latiniza a língua materna da mesma maneira que este, estando, assim, na mesma categoria que ele, embora tenham chegado à mesma prática a partir de diferentes posições. Na verdade, *Schleiermacher* acredita ser preciso expressar-se à moda estrangeira para ser fiel, e *Vofß* acredita ser fiel, se traduzir literalmente; mas como não consegue fazê-lo sem falar à moda estrangeira, sua linguagem é, portanto, tão não-alemã quanto a de *Schleiermacher*, e vice-versa. Não obstante, a fidelidade que o método de tradução de *Vofß* exige para si põe-se a nu, curiosamente, através do fato de ele haver traduzido todo e qualquer autor da mesma maneira, naquela linguagem que ele havia criado, de uma vez por todas, naquele período em que formara originalmente seu ponto de vista.<sup>14</sup>(SCHÄFER, 1838, p. 11)

---

<sup>14</sup> *Voss* hatte, wie bereits bemerkt, längst praktisch geübt, was *Schleiermacher* systematisch ausführt, ob er gleich hinter den Anforderungen desselben zurückbleibt, weil ihm das Anschmiegen, das Eingehen in die verschiedensten Elemente, mit Einem Worte, das Proteusartige fehlt, was *Schleiermacher* fordert. Aber er gräzisiert und latinisiert die Muttersprache wie jener, und steht insofern in gleicher Kategorie mit ihm, wenn sie gleich von verschiedenen Standpunkten aus zur nämlichen Praxis gelangt sind. Denn *Schleiermacher* glaubt fremd sprechen zu müssen, um treu zu sein, und *Voss* glaubt treu zu sein, wenn er wörtlich übersetzt; da er aber diess nicht thun kann, ohne fremd zu sprechen, so ist seine Sprache so undeutsch, wie die *Schleiermacher's* und umgewendet. Die Treue aber, welche die Uebersetzungsmethode *Vossens* für sich in Anspruch nimmt, zeigt sich sonderbarer Weise dadurch, dass er jeglichen Schriftsteller in gleicher Weise übersetzt hat, in diejenige Sprache, welche er sich ein für allemal in jener Periode geschaffen hatte, wo er sich seinen Standpunkt originell gestaltete.

A Karl Schäfer, irritava profundamente o modo de traduzir em que não se buscavam as formas próprias, aquelas já forjadas e existentes na língua alemã. Quem assim agia, renunciava, segundo ele, a uma série de “palavras alemãs, construções alemãs, locuções alemãs (...), sistemas de conceitos e de seus símbolos”, preferindo recorrer, de forma arbitrária, a soluções cheias de invencionices e arbitrariedades. Ao abordar esse ponto crítico, Schäfer chega a afirmar, em seu ensaio, que “colocam-se os elementos uns ao lado dos outros desordenadamente: numa permuta mecânica, coloca-se símbolo após símbolo e crê-se seriamente ser possível criar, mediante esse amálgama de palavras e construções, uma nova língua”.

Na opinião de Karl Schäfer, a língua alemã não precisava “curvar-se em direção a uma semelhança alheia”. Destacava que, enquanto Schleiermacher acreditava precisar expressar-se à moda estrangeira para ser fiel, Voß acreditava ser fiel, se traduzisse literalmente. Como Voß não lograva traduzir literalmente “sem falar à moda estrangeira”, sua linguagem acabava por ser “tão não-alemã quanto a de Schleiermacher, e vice-versa”. Em diversas passagens, Schäfer usa, em seu ensaio, diferentes palavras e imagens para trazer à baila a necessidade de se respeitar também a língua-cultura de chegada. Uma das imagens que ele utiliza é a da casca que envolve um fruto. Segundo ele, não se pode separar o ser humano de sua língua como o fruto de sua casca, já que ambos coexistem em uma relação orgânico-funcional, não sendo a casca do fruto “uma roupa que se despe a alguém para nele vestir outra” (SCHÄFER, 1838, p. 22). Na visão de Schäfer, o tradutor alemão de Schleiermacher veste-se como o romano ou como o grego, de acordo com a necessidade. Tudo não passaria, portanto, de uma farsa, de uma encenação: o tradutor vestia-se, apresentava-se em seu disfarce e dava início à sua comédia.

Para Karl Schäfer, um dos lemas principais era “traduzir do Belo para o Belo”. Ou seja: a tradução não deveria ser escrita em alemão ostentando um sabor da língua original. Seguindo o exemplo de Ludwig Seeger<sup>15</sup>, Schäfer exigia que a tradução fosse, antes de tudo, alemã, como deixa patente em seu ensaio *Ueber die Aufgabedes Uebersetzens* [Sobre a tarefa de traduzir]: “o caráter da nossa língua, enquanto forma de nossa maneira popular de pensar e sentir, ali precisa apresentar-se, conforme sua singularidade, com suas características puras e nítidas”<sup>16</sup> (SCHÄFER, 1838, p. 17). Ainda segundo ele, cada um dos elementos da tradução, nomeadamente, “a ordem das palavras nas frases, a construção dos períodos, a combinação de orações, o uso dos modos, bem como a formação de palavras, a elocução, a escolha das metáforas e imagens –, em resumo, tudo e cada um dos elementos” (SCHÄFER, 1838, p. 17s.), somente pode ser extraído da própria língua alemã. Embora concorde com que um tradutor de poesia deva ser, de certo modo, um poeta, observa, porém, que não seria viável esperar que viesse a surgir um Ésquilo alemão para se poder traduzir o conjunto de obras do eminente poeta e dramaturgo grego:

Mas com isso não está dito que se exigiriam um talento e um gênio igualmente grandes, e que nós primeiramente teríamos de esperar um *Ésquilo* alemão, a fim de obtermos uma cópia alemã do original. Não se trata disto, o tradutor não tem de ser igual, apenas

---

<sup>15</sup> Ver o prefácio de Ludwig Seeger “Epistel an einen Freund als Vorwort” [Epístola a um amigo à guisa de prefácio], SEEGER, 1845, p. 7: “Wir müssen, das ist jetzt die Aufgabe, vor allen Dingen deutsch und poetisch ubersetzen” [Precisamos, esta agora é a tarefa, sobretudo traduzir em alemão e poeticamente].

<sup>16</sup> (...) der Charakter unsrer Sprache, als der Form unsres volksthümlichen Denkens und Empfindens, muss sich darin nach seiner Eigenthümlichkeit rein und klar ausgeprägt darstellen.

precisa ser capaz de absorver em si seu escritor, equiparar-se de certa maneira a este. A capacidade de entrar no espírito do protótipo, de pôr-se na sua pele e identificar-se com ele, é inteiramente bastante para representar a originalidade.<sup>17</sup>(SCHÄFER, 1838, p. 20s.)

Se, por um lado, criticava veementemente Johann Heinrich Voß, Karl Schäfer nutria, por outro, grande admiração por um contemporâneo seu, o também tradutor Johann Gustav Droysen (1808-1884). Este deixou alguns prefácios, em que evidencia, dentre outras coisas, a necessidade de se recorrer a algum paratexto editorial – em geral, prefácios – para facilitar a compreensão dos leitores que quisessem se aventurar pelo mundo das comédias de Aristófanes, muito ricas em conteúdo político, social e cultural. Neste sentido, afirmava:

O plano original desta tradução, como figura no prefácio da primeira parte, prometia também, além das peças que ficaram preservadas, os fragmentos e uma biografia do escritor. (...) No início do meu trabalho, ainda não conseguia visualizar a dimensão que assumiriam as introduções a cada uma das peças e com que frequência elas forneceria detalhes sobre as condicionantes pessoais do escritor. Há poucas informações biográficas sobre Aristófanes, e esse pouco que há é em parte incerto, em parte sem importância;

---

<sup>17</sup> Damit ist jedoch nicht gesagt, dass ein gleich grosses Talent und Genie erfordert werde, und dass wir erst einen deutschen *Aeschylus* erwarten müssten, um ein deutsches Abbild des Originals zu gewinnen. Nicht diess, nicht gleich an Kraft, nur fähig, seinen Schriftsteller in sich aufzunehmen, ihm gleichsam ebenbürtig muss der Uebersetzer sein. Das Vermögen, in den Geist des Urbilds einzugehen, sich in ihn einzuempfinden und einzufühlen, reicht vollkommen hin, um die Originalität darzustellen.

em geral são incapazes de assegurar um retrato nítido do autor, do seu modo de ver as coisas, do seu caráter poético e político, das suas relações com seu tempo e seus contemporâneos, em suma, aquilo que empresta a uma biografia um interesse maior do que o da erudição. (DROYSEN, 1838, p. V)<sup>18</sup>

Vê-se, aí, a preocupação do tradutor em buscar elementos sobre o autor cujas obras traduz, no afã de prestar informações aos leitores, de modo que estes possam ter uma imagem mais completa sobre a pessoa do escritor, sua época, seus contemporâneos, suas idiosincrasias, ideologias etc. Dispondo destes dados e exibindo-os ao público leitor, o tradutor dispõe de uma margem mais ampla para dotar seu produto final – a tradução – de maior fluência na língua da tradução, já que os leitores foram antes alimentados com bastantes informações que lhes puderam servir de base. Para Schleiermacher, esse tipo de preocupação parecia passar despercebido.

No trecho a seguir, fica clara a posição de Karl Schäfer acerca da transplantação de elementos estrangeiros e estranhos ao vernáculo, procedimento que ele rechaça de

---

<sup>18</sup> Der ursprüngliche Plan dieser Uebersetzung, wie er in der Vorrede des ersten Theils angegeben (sic!) worden, versprach außer den erhaltenen Stücken noch die Fragmente und eine Biografie des Dichters. (...) Beim Beginn der Arbeit konnte ich nicht übersehen, welche Ausdehnung die Einleitungen zu den einzelnen Stücken gewinnen und wie oft auf die persönlichen Verhältnisse des Dichters eingehen würden. Es giebt wenige biographische Nachrichten über Aristophanes, und dieß Wenige ist zum Theil unbedeutend, überall nicht von der Art, ein deutliches Bild des Dichters, seiner Anschauungsweise, seines poetischen und politischen Charakters, seines Verhältnisses zu seiner Zeit und seinen Zeitgenossen, kurz das, was einer Biographie ein höheres Interesse als das der Gelersamkeit giebt, zu gewähren.

maneira manifesta, beirando, por vezes, o purismo exacerbado ou quase o nacionalismo:

De que meios o nosso tradutor precisa fazer uso, como precisa proceder, resulta, por si só, do que foi afirmado até aqui. Ele não tem permissão para criar, nem por iniciativa própria nem por macaqueação, nem em prosa nem em poesia. Ele não tem permissão para querer inocular de modo direto o conteúdo estrangeiro; inversamente, deverá escolher o correspondente a partir do já existente, e o seu maior mérito mostrar-se-á no tato e na habilidade de extrair, com a mão boa, o análogo a partir da esfera da vida do povo ou da literatura existente.<sup>19</sup>(SCHÄFER, 1838, p. 21)

Karl Schäfer censura energicamente a posição assumida pelo tradutor schleiermacheriano, que, segundo ele, se fantasiava de uma nacionalidade tal, para então dar início a uma comédia, a uma cena macaqueada, a uma fantochada:

Sem dúvida, não se pode separar o ser humano de sua língua como o fruto de sua casca, e ela não é uma roupa que se despe a alguém para vesti-lo em seguida com outra roupa. Mas será que o tradutor de *Schleiermacher* trata essa verdade de modo mais digno que nós? Ele se veste como o romano ou como o grego se vestia, apresenta-se, em seguida, nesse disfarce e começa a sua comédia! – Se o pensamento cria sua forma, do modo como a alma se cerca – de certo modo

---

<sup>19</sup> Welcher Mittel sich unser Uebersetzer zu bedienen, wie er zu verfahren hat, ergiebt sich aus dem bisher Gesagten von selbst. Er darf nicht selbst machen, weder auf seine eigne Faust noch durch Nachäffung, weder in Prosa noch in Poesie. Er darf nichts Fremdes unmittelbar einimpfen wollen, sondern er muss unter dem bereits Vorhandenem Litteratur mit glücklicher Hand das Analoge herauszugreifen.

por si só – do corpo que lhe convém, então ele certamente também poderá fazer mais uma vez, em alemão, o que já fez uma vez em grego. Portanto, trata-se apenas de o tradutor ter afinidade de ideias e ser dedicado o bastante para repensar o pensamento já pensado uma vez, ou seja, registrá-lo em si e deixá-lo reproduzir-se com o espírito livre (da mesma maneira como ocorre com a mulher e o embrião). Não exigimos nenhuma fantochada, mas sim um ressurgimento num espírito homogêneo e num elemento homogêneo.<sup>20</sup> (SCHÄFER, 1838, p. 22s.)

Para muitos autores e estudiosos daquela época, principalmente da metade do século XIX, assumir uma posição nacionalista era um fato quase natural, levando-se em consideração a forte presença francesa na Europa a partir da Revolução Francesa de 1789. Este fato causou uma série de desordens e conflitos no Império Habsburgo. No ano de

---

<sup>20</sup> Allerdings kann man den Menschen von seiner Sprache nicht, wie die Frucht von der Schale, lostrennen, und sie ist kein Kleid, das man einem auszieht, um ihm ein andres dafür anzuziehen. Handelt denn aber *Schleiermacher's* Uebersetzer dieser Wahrheit würdiger als wir? Er kleidet sich, wie der Römer oder Grieche gekleidet war, präsentirt sich dann in dieser Vermummung und beginnt seine Komödie! – Wenn der Gedanke sich seine Form schafft, wie die Seele sich gleichsam selbstthätig mit dem ihr gebührenden Körper umgiebt, so kann er doch wohl das Nämliche noch einmal, im Deutschen, thun, was er bereits einmal, im Griechischen, gethan hat. Es handelt sich also nur darum, dass der Uebersetzer geistesverwandt, und dass er hingebend genug sei, um den schon einmal gedachten Gedanken nachzudenken d.h. in sich aufzunehmen und in freiem Geiste (gleich wie das Weib beim Embryo) sich reproduziren zu lassen. Nicht eine Mummerei, sondern ein nochmaliges Entstehen in einem homogenen Geiste und homogenen Elemente wird von uns gefordert.

1791, a Prússia e a Áustria estabelecem um entendimento para se colocarem contra a Revolução Francesa. A França declara guerra à Áustria, e ocorre a primeira Guerra de Coligação contra a França revolucionária, que se estendeu até 1797 (FREUND, 1979, p. 434). Entre 1799 e 1802, acontece uma segunda Guerra de Coligação contra a França. Os principados da Baviera, Württemberg e Saxônia, além de outros Estados alemães, formam a Liga Renana [Rheinbund] (FREUND, 1979, p. 434), tornando-se satélites da França de Napoleão. Até Napoleão ser vencido em 1815 na Batalha de Wellington, os Estados alemães veem-se sob fortes ameaças, pois estavam a perder terras e poder para os franceses. Para os literatos, escritores, pesquisadores, professores etc., preservar a língua e a literatura de expressão alemã era uma questão primordial. Não é à toa que, entre os coetâneos de Karl Schäfer que fizeram traduções e/ou versaram sobre o ato de traduzir, alguns expressam seu nacionalismo de forma bastante clara ou até mesmo exacerbada.

Enquanto Friedrich Schleiermacher é um nome consagrado no campo dos Estudos da Tradução, Karl Schäfer praticamente não é notado pela maioria dos estudiosos atuais. Poucos autores citam-no e, quando o fazem, é normal que seja no contexto do ensaio *Ueber die AufgabedesUebersetzens*. Mas esse fenômeno não ocorria de tal modo à época de Schäfer. Um contemporâneo seu, August Boeckh, ao fazer considerações sobre questões de hermenêutica em sua extensa e muito bem elaborada “EncyklopädieundMethodologie der PhilologischenWissenschaften” [Enciclopédia e Metodologia das Ciências Filológicas], faz as seguintes considerações:

A Hermenêutica inteira somente tem por fito a compreensão dos monumentos; mas, para o fomento do estudo em conjunto, é importante que a compreensão seja representada de maneira adequada. A repre-

sentação ocorre de dois modos, através da tradução e do comentário. Analisaremos primeiramente o valor da tradução. O ideal de uma tradução é que ela represente o original; isso seria perfeitamente o caso, se ela provocasse em nós, com nosso conhecimento das circunstâncias históricas, a mesma impressão que o texto original, no público original. De uma forma ou de outra, as condicionantes históricas da obra precisam, portanto, ser dadas através de uma explicação de outra natureza, caso a própria tradução precise ser realizada visando a exercer o efeito intencionado da forma mais perfeita possível. Sobre isto, existem duas posições antagônicas. Alguns afirmam que se deveria manter, o máximo possível, o estilo nacional da obra; outros exigem que o elemento nacional deva ser eliminado o máximo possível. A primeira opinião é defendida por Schleiermacher, *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Ensaios Acad. de 1813 (Obras sobre Filosofia 2. Vol.), a outra, por Carl Schäfer, *Sobre as tarefas (sic!) de traduzir*. Erlangen 1839. 4. Ambos os métodos de traduzir têm suas vantagens e falhas.<sup>21</sup> (BOECKH, 1877, p. 158)

---

<sup>21</sup> Die gesamte Hermeneutik hat nur das Verständniss der Denkmäler zum Zweck; für die Förderung des gemeinsamen Studiums ist es aber von Wichtigkeit, dass dies Verständniss in der geeigneten Weise dargelegt werde. Die Darlegung geschieht in doppelter Art, durch Uebersetzen und Commentiren. Wir untersuchen zuerst den Werth des Uebersetzens. Das Ideal einer Uebersetzung ist, dass sie das Original vertrete; dies würde in vollkommenem Maasse der Fall sein, wenn sie auf uns bei Kenntnis der historischen Verhältnisse denselben Eindruck machte wie das Original auf das ursprüngliche Publicum. Die historischen Voraussetzungen des Werkes müssen also auf jeden Fall durch anderweitige Erklärung gegeben werden, wenn die Uebersetzung selbst eingerichtet werden muss, um die beabsichtigte Wirkung möglichst vollkommen auszuüben. Hierüber stehen sich zwei Ansichten gegenüber. Einige behaupten, man müsse den

Neste trecho em que trata especificamente de hermenêutica, August Boeckh, ao analisar a função da tradução como via de acesso à compreensão de textos, de certa forma expõe - ou pelo menos dá a entender - que naqueles idos de 1877, quando tanto Schleiermacher quanto Schäfer<sup>22</sup> já haviam morrido, estes antagonistas, embora tivessem opiniões verdadeiramente díspares sobre o traduzir, acabavam desfrutando de igual mérito ao serem citados por um importante erudito do século XIX como os nomes que resumiam as duas tendências metodológicas da tradução. Um dado interessante que se sobressai das palavras de Boeckh é que, ao falar sobre a problemática das condicionantes históricas da obra, estas talvez devessem ser dadas através de uma explicação de outra natureza; deixava antever, aí, a necessidade de se recorrer a algum tipo de paratexto editorial para uma melhor compreensão da obra. O célebre filólogo alemão prossegue sua análise, apresentando os pontos positivos e negativos das duas posições defendidas pelos dois teóricos da tradução:

Aqueles que não traduzem o elemento nacional também não têm condições de exprimir por completo o elemento individual, já que ambos estão imbricados. Faz-se então mister, necessariamente, deixar em primeiro plano sua própria individualidade na tradução,

---

nationalen Stil des Werkes möglichst beibehalten; andere verlangen, das Nationale sollte möglichst abgestreift werden. Die erstere Ansicht vertritt Schleiermacher, Ueber die verschiedenen Methoden edes Uebersetzens. Akad. Abh. Von 1813 (Werke zur Philosophie 2. Bd.), die andere Carl Schäfer, Ueber die Aufgaben (sic!) des Uebersetzers. Erlangen 1839. 4. Beide Methoden des Uebersetzens haben ihre Vorzüge und Mängel.

<sup>22</sup> No que pese o texto bem cuidado de Boeckh, ele comete um pequeno engano no título do ensaio de Schäfer, ao grafar o termo *Aufgabe* [tarefa] com um “n” final, ou seja, no plural [tarefas].

como o faz Wieland. Além disso, eles verterão infielmente muitos detalhes, porque o significado gramatical, como já vimos, também depende de fatores nacionais. A tradução representará, portanto, em geral, o conteúdo, a forma interna e os meios de combinação da obra, ao passo que, em contrapartida, as sutilezas da organização do texto e a respectiva forma externa obliteram-se. Mas, no âmbito desses limites, ela provoca uma compreensão como se fosse uma obra na língua materna, já que o caráter nacional é apagado o máximo possível. Por outro lado, no caso do método oposto, exercer-se-á uma violência contra a própria língua materna, com o intuito de reproduzir o caráter nacional da língua estrangeira; e como as duas línguas, claro, não são coincidentes, uma reprodução do original é, todavia, impossível. Não obstante, deve-se preferir este método, porque ele exprime mais daquilo que o tradutor tiver compreendido. Assim, ele procurará renunciar, da melhor maneira possível, à sua própria individualidade: não terá como meta originalidade nenhuma, coisa que, na tradução, é um erro, e assim logrará reproduzir razoavelmente também as sutilezas das formas de combinação e as da forma externa. É óbvio que a fidelidade no detalhe facilmente trará prejuízos à impressão que se terá do todo.<sup>23</sup>(BOECKH, 1877, p. 158)

---

<sup>23</sup> Diejenigen, welche das Nationale nicht übertragen, sind auch nicht im Stande das Individuelle völlig zum Ausdruck zu bringen, weil beides verwachsen ist. Es wird dann notwendig ihre eigene Individualität in der Uebersetzung hervortreten, wie dies bei Wieland der Fall ist. Ferner werden sie vieles Einzelne untreu wiedergeben, weil ja auch der grammatische Wortsinn, wie wir gesehen haben, national bedingt ist. Die Uebersetzung wird also den Inhalt und die innere Form und Combinationsweise des Werkes im Grossen und Ganzen darstellen, dagegen die Feinheiten der Gliederung und die entsprechende äußere Form verwischen. Innerhalb dieser Grenzen aber bewirkt sie, weil der fremde

De acordo com suas palavras no trecho acima, fica patente que Boeckh toma partido pela tendência seguida por Schleiermacher de preservar os elementos nacionais da língua-cultura estrangeira, defendendo inclusive o fato de tal método ser seguido por aqueles tradutores que não querem deixar sua marca individual na obra. Aos tradutores que perfilam com Schäfer, sobraria a pecha de quererem imprimir sua individualidade na tradução. Isto aconteceria porque, à força de eliminar, o máximo possível, o caráter nacional do original, o tradutor *à la* Schäfer provocaria, no original, uma perda de seus aspectos externos (divisão de parágrafos, métrica etc.), mas, ao mesmo tempo, faria o leitor ter a impressão de que estaria lendo uma obra escrita em sua própria língua. Observem-se ainda estas palavras de Boeckh:

A poesia homérica, p. ex., é toda natureza, totalmente desprovida de artificialismos; mas toda tradução tem algo de artificial, porque, mediante o recalçamento da própria individualidade, é inscrita numa alma estrangeira. Na melhor das hipóteses, ela é igual a um parque inglês simulacro da natureza; mas, não raro, a tradução mergulha em afetação inflexível como ocorre

---

Nationalcharakter möglichst abgestreift ist, ein Verständnis wie ein Werl in der Muttersprache. Bei der entgegengesetzten Methode wird man dagegen der eigenen Sprache Gewalt anthun, um den nationalen Charakter der fremden nachzubilden, und da sich die Sprachen doch auch grammatischen nicht decken, ist eine treue Wiedergabe des Originals dennoch unmöglich. Trotzdem ist diese Methode vorzuziehen, weil sie von dem, was der Uebersetzer verstanden hat, mehr zum Ausdruck bringt. Er wird sich so seiner eigenen Individualität bestmöglich zu entäussern suchen: er wird keine Originalität erstreben, die bei der Uebersetzung ein Fehler ist, und so wird es ihm gelingen, auch die Feinheiten der Combinationsweise und der äusseren Form einigermaßen nachzubilden. Freilich wird die mögliche Treue im Einzelnen wieder leicht den Eindruck des Ganzen beeinträchtigen.

com a versão homérica de Voß, que é mal-ajambrada e áspera, e ainda pior é sua tradução de Aristófanés. O que menos se deixa traduzir são as peculiaridades do ritmo e do timbre, uma vez que as línguas modernas possuem uma lei rítmica diferente da existente nas línguas clássicas, e os tortuosos metros gregos, com suas frequentes sequências de várias vogais breves e longas, muitas vezes não são nem representáveis<sup>24</sup>. (BOECKH, 1877, p. 159)

Ao apontar as imperfeições das traduções de Johann Heinrich Voß, August Boeckh mostra que, pelo menos neste aspecto, discorda de Schleiermacher. Desta forma comungaria, pelo menos quanto à homerização da língua alemã realizada por Voß, com as ideias de Schäfer, o que representaria, no mínimo, um contra-senso, já que, como se viu nos trechos anteriores, Boeckh advoga abertamente pelo método de tradução de Schleiermacher, que, por seu turno, coincidia com a prática tradutória de Voß.

---

<sup>24</sup> Die Homerische Poesie z.B. ist ganz Natur, durchaus ungekünstelt; jede Übersetzung hat aber etwas Gekünsteltes, weil sie mit Unterdrückung der eigenen Individualität in eine fremde Seele hineingeschrieben ist. Sie gleicht im günstigsten Fall einem die Natur nachbildenden englischen Park; oft aber verfällt sie in steife Künstelei wie die Vossische Übersetzung des Homer, die stelzbeinig und rauh ist, und in noch schlimmer Weise seine Uebersetzung des Aristophanes. Am wenigsten lassen sich die Eigenthümlichkeiten des Rhythmus und des Klanges übertragen, da die neueren Sprachen ein anderes rhythmisches Gesetz als die alten haben und die verschlungenen griechischen Metra mit häufiger Aufeinanderfolge mehrerer Kürzen und Längen oft gar nicht darstellbar sind.

## Conclusão

Se Schleiermacher, em seu famoso artigo “Sobre os diferentes métodos da tradução”, discorre de forma cética sobre o conceito de *Nachbildung* [imitação/reprodução], Schäfer prefere afirmar que “em parte, toda tradução, inclusive a de Voß e Schleiermacher, é reprodução”. Sustenta sua tese, afirmando ainda que uma substituição “geral” de uma série de coisas novas, de modo que uma obra seja totalmente arrancada do seu ambiente e incorporado ao nosso, é “reprodução”, mas também é, em parte, “tradução”.

Um dos principais pontos de divergências entre os dois pensadores consiste em Schäfer acreditar no poder de decisão do tradutor guiado por sua própria personalidade. Para tanto, ressaltava que “a personalidade do tradutor precisa estabelecer uma relação exata com o seu original”, afinal de contas, seria preciso ser poeta para poder traduzir ou reproduzir um poeta. No mesmo momento, tratava de deixar claro que obviamente não se devia esperar que primeiramente viesse a surgir um Êsquilo alemão, para poder-se desfrutar das obras do célebre tragediógrafo grego em língua alemã.

Schäfer exalta que se deve enfrentar, sim, o medo da colisão que poderá surgir entre a personalidade do autor e a do tradutor. Conclui que este, mediante seus atos e suas palavras, será um guia para que o leitor conheça os contextos originais lidos em sua própria língua materna, sem grandes estranhamentos. Para Schäfer, um grande expoente da prática da tradução que seguia esta mesma linha era Johann Gustav Droysen. No sentido de sua opção pelo método tradutório *à la* Droysen, fica patente a crítica ferrenha que Schäfer tece contra Voß, por este reproduzir diferentes autores com uma mesma dicção, com uma mesma e única personalidade, numa linguagem e num estilo ásperos e repetitivos. Já Droysen defende, nos prefácios às suas traduções

aristofânicas, um reconhecimento de aspectos ligados à vida do autor, ao estilo próprio de cada autor, ao tempo histórico do autor, mas também à necessidade de se considerar, sobretudo no caso da tradução de comédias, o momento histórico em que o texto antigo será apresentado ao público.

Pelas alusões que faz a Johann Gustav Droysen em seu ensaio, pode-se concluir que Karl Schäfer realmente refletia sobre os aspectos linguísticos internos e externos da tradução, dando sobeja atenção a questões pragmáticas, como costumava ocorrer nos trabalhos de Droysen. Em sua opinião, este tencionava produzir – e, segundo acreditava o ensaísta, lograva fazê-lo – uma tradução que não apenas era erudita e elegante, mas também poesia, tendo ainda o condão de apresentar um poeta clássico “realmente viçoso e remozado”, no espírito intelectual da língua alemã da época. Schäfer advogava, aí, pela produção de uma tradução erudita, mas ajustada ao momento histórico da língua-meta e da cultura-meta no instante da produção e publicação do texto traduzido.

Nas entrelinhas do texto de Schäfer, é possível ler que Voß encaminhava os textos greco-latinos, em sua roupagem totalmente original, para o rumo da língua alemã; e esta, por possuir outro corpo, não se adaptava àquela roupagem que nem sempre lhe servia ou se lhe ajustava. Se, a respeito dessa transplantação de modelos greco-romanos (estilísticos, gramaticais, métricos etc.) feita por Voß para a língua-cultura alemã, Schäfer emitia duras reprimendas, admitia, como num prenúncio de antropofagia linguístico-cultural, que Droysen lograva fazer uma boa digestão dos clássicos e apresentá-los aos leitores alemães em bom vernáculo. Para ambos, o interesse maior girava em torno “de traduzir do Belo para o Belo”.

Por conter uma série de aspectos contrários às ideias de Friedrich Schleiermacher, o ensaio de Schäfer é de grande relevância para os Estudos da Tradução no seu atual estado

da arte, pois permite entrever sobretudo que, à época de sua publicação, o notável artigo de Schleiermacher não encontrou, como se poderia supor, apenas franca aceitação. A partir de leituras paralelas de outros teóricos da tradução do mesmo século XIX, em sua maioria bastante ou totalmente desconhecidos no Brasil, é possível construir novas teias argumentativas, novos critérios e parâmetros, possibilitando, assim, uma discussão mais rica de pormenores em torno do trabalho de Friedrich Schleiermacher.

Apesar de o título do ensaio de Schäfer conter palavras muito facilmente utilizáveis em denominações de livros, capítulos de livros e ensaios (*Ueber die Aufgabe ... / Sobre a tarefa ...*), é pertinente lembrar que o título do afamado ensaio de Walter Benjamin (*Die Aufgabe des Übersetzers* [A tarefa do tradutor]), publicado em 1923, soa como um eco do título do ensaio de Karl Schäfer (*Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* [Sobre a tarefa de traduzir]). Ademais, ambos os autores também utilizam, em seus respectivos textos, a metáfora do “fruto” e da “casca do fruto”.<sup>25</sup> Poder-se-ia também simplesmente afirmar que esta talvez fosse uma metáfora recorrente. Cumpre também enfatizar que, além da metáfora do fruto e da casca do fruto, ainda surge certa semelhança na metáfora do “manto real”, no texto de Benjamin, e “da roupa”, no texto de Schäfer. Não obstante, não se pode assegurar que Walter Benjamin tenha tido acesso ao texto de Karl Schäfer e muito menos reproduzido algumas de suas ideias.

O ensaio de Schäfer não turva, em geral, as grandes ideias desenvolvidas por Schleiermacher, mas lançam algumas indagações que precisam ser relativizadas entre os ensaios dos dois autores. Uma delas é a questão da importância do vernáculo, da língua de chegada, o alemão: Schäfer

---

<sup>25</sup> SCHLEIERMACHER, 2001, p. 201, tradução de Susana Kampff Lages.

não quer aceitar simplesmente a existência de dois caminhos para o ato de traduzir. Tanto o ensaio de Schleiermacher quanto o de Schäfer, frise-se bem, consagram-se à tradução literária e notadamente à tradução poética. Nesta perspectiva, o lema maior de Karl Schäfer era: do Belo para o Belo.

Estranha-se, principalmente, que o texto de Schäfer tenha caído em esquecimento, até mesmo na Alemanha, durante mais de um século e meio. Seu ressurgimento certamente ainda representará um grande contributo para os Estudos da Tradução, justamente por se opor ao mais consagrado teórico da tradução do século XIX: Friedrich Schleiermacher.

## REFERÊNCIAS

- BOECKH, A. *Encyklopädie und Methodologie der Philologischen Wissenschaften*. Leipzig: Teubner, 1877.
- DROYSEN, G. *Des Aristophanes Werke. Dritter Theil. 1. Die Wolken. 2. Lysistrate. 3. Thesmophoriazusen. 4. Die Ecclesiazusen. 5. Die Frösche*. Berlim: Verlag von Veit und Comp., 1838.
- FREUND, M. *Deutsche Geschichte. Von den Anfängen bis zur Gegenwart*. Munique: Bertelsmann Verlag, 1979.
- HOMER. *Ilias*. Trad. de Johann Heinrich Voß. Colônia: Anaconda Verlag, 2010.
- HOMER. *Odisseia*. Trad. de Johann Heinrich Voß. Colônia: Anaconda Verlag, 2010.
- JAHN, J. C.; KLOTZ, R; SEEBODE, G. *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik*. Leipzig: Druck und Verlag von G.B. Teubner, 1841.
- KITZBICHLER, J.; LUBITZ, K.; MINDT, N. *Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800. Transformationen der Antike*. Berlim / Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2009.
- MASIUS, Hermann. *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik*. Leipzig: Verlag von G. B. Teubner, 1864.

SCHÄFER, K. *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens*. Erlangen: Jung'sche Universitäts-Buch-Druckerei, 1839.

SCHLEIERMACHER, F. Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens/Sobre os Diferentes Métodos de Tradução, trad. de Margarete von Mühlen Poll, in HEIDERMANN, W. *Clássicos da teoria tradução. Antologia bilíngue, alemão-português*. VI. 1 (1ª edição). Florianópolis: UFSC, 2001.

SCHLEIERMACHER, F. Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens/Dos diferentes Métodos de Tradução, trad. de Mauri Furlan, in *Scientia Translationis*, n.9, Florianópolis, p. 3-70, 2011.

SEEGER, L. *Aristophanes. Erster Band. 1. Die Acharner. 2. Die Frösche. 3. Die Ritter. 4. Die Wolken*. Frankfurt am Main: Literarische Anstalt (J. Rütten), 1845.

SOERGEL, J. *Jahresbericht von der Königlichen Studienanstalt zu Erlangen*. Erlangen: Druck der Universitäts- Buchdruckerei von Junge & Sohn, 1863.